

## TRAÇOS CARNAVALESCOS DAS FESTAS DE NOVEMBRO EM CARTAGENA DE INDIAS: UM ENFOQUE HISTÓRICO DO SENTIDO DA “DESORDEN”

Milton Moura\*

Universidade Federal da Bahia

**Resumo:** As Festas de Novembro em Cartagena de Indias podem ser consideradas práticas carnavalescas em virtude dos aspectos burlescos que se observam no núcleo da sua cena. A partir de uma apropriação reflexiva da teoria do carnavalesco de Bakhtin, o artigo busca relacionar momentos emblemáticos destes traços mediante a confrontação de fontes de diferentes períodos. No final, coloca elementos para pensar a dimensão carnavalesca dessas Festas hoje, entre a comemoração cívica e o gozo da inversão simbólica.

**Palavras-chave:** Cartagena de Indias, Carnaval, festas populares.

### CARNIVALESQUE TRAITS OF THE NOVEMBER FESTIVITIES IN CARTAGENA DE INDIAS: A HISTORICAL APPROACH OF THE SENSE OF “DESORDEN”

**Abstract:** The November Festivities in Cartagena de Indias may be seen as carnivalesque practices considering the burlesque aspects that can be observed in the nucleus of its scene. From a reflexive appropriation of Bakhtin's theory of Carnival, the article aims to relate emblematic moments of these traits through the confrontation of sources from different periods. In the end, it offers elements into thinking the carnivalesque dimension of these festivities today, between the civic celebration and the enjoyment of symbolic inversion.

**Key words:** Cartagena de Indias, Carnival, popular feasts.

### Introdução

O que poderia autorizar o historiador a chamar de Carnaval uma festa? A abundante historiografia aponta a sua progressiva constituição, ao longo da Idade Média, como resultado da intensificação e concentração de festividades de diversos formatos nos dias que antecedem imediatamente a Quaresma.<sup>1</sup> Assim, como não cansa de insistir Baroja<sup>2</sup> e também afirma Bakhtin<sup>3</sup>, teria sido a fixação de datas nucleares do

---

\* Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Integra o Departamento de História da Universidade Federal da Bahia. O eixo principal de suas atividades de pesquisa é a História da Festa, sobretudo o Carnaval de Salvador, a Festa do Caboclo de Itaparica e as Festas de Independência de Cartagena de Indias. Coordena o Grupo de Pesquisa O Som do Lugar e o Mundo. Contato: miltonmoura7@gmail.com.

<sup>1</sup> A Quarta Feira de Cinzas, que abre a Quaresma, é fixada em 40 dias antes do domingo de Páscoa, que por sua vez é o primeiro após o plenilúnio que segue o Equinócio do primeiro semestre.

<sup>2</sup> BAROJA, Julio Caro. **El Carnaval. Análisis histórico-cultural**. Madrid: Alianza, 2006.

calendário cristão, como a Quaresma, a ocasionar os dias festivos que culminavam na Terça Feira Gorda.

A mesma religião que enquadrou a temporalidade medieval no seu complexo calendário litúrgico não deixou de distribuir as festas de seus santos ao longo do ano, de modo que houvesse sempre celebrações para algum deles. A estes santos, bem como ao Santíssimo Sacramento e outros mistérios sagrados, vieram juntar-se formas festivas de diversas origens. Na Europa, isto correspondia às práticas lúdicas pagãs (religiosas ou não) de múltiplos formatos, incluindo aquelas que seriam depois associadas às bruxas, druidas e toda sorte de papéis relacionados à feitiçaria. Na América, tratava-se de festas indígenas, em grande parte reconfiguradas pela catequese, e de origem africana, em processos complexos interpretados pela bibliografia como justaposições, simbioses ou acoplamentos. A configuração dos Carnavais esteve sempre associada a esta dinâmica de multiplicidade e flexibilidade.

Considerando sua abrangência e multiplicidade, não é difícil compreender que o Carnaval não tenha se organizado de modo tão condensado em todos os casos, havendo em regiões centro-europeias registros de que se prolongava por mais de um mês, em casos favorecidos por circunstâncias ambientais muito específicas. Tampouco isto quer dizer que as festividades carnavalescas tenham acontecido sempre em fevereiro ou que se desenrolem num ritmo contínuo.

No caso de algumas cidades brasileiras como Salvador, as fontes falam nas festas janeiras como antecedentes do Carnaval no período que se estende entre o final do século XIX e meados do século XX. Ora, não se trata aqui de uma sequência apenas cronológica, mas de uma acumulação de festejos em diversos pontos da cidade ou no seu entorno que encontravam, no Carnaval propriamente dito, sua expressão mais densa e derradeira, quando cessariam os festejos, retomados em outros formatos na Semana Santa.

O que se quer dizer ao leitor com estas considerações iniciais é que o Carnaval pode se dar em um período distinto daquele correspondente às vésperas da Quaresma e pode acontecer sem que os foliões usem o nome Carnaval. No primeiro caso estão os Carnavais das Antilhas anglófonas, bem como aqueles das cidades cubanas de Santiago e La Habana. Em Cartagena de Indias, as festas carnavalescas se realizam em novembro e não são chamadas de Carnaval pelos seus moradores, governantes, visitantes e

---

<sup>3</sup> BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: EdUnB, 1993.

agenciadores de turismo. Neste sentido, a perspectiva que orienta a reflexão sobre esta experiência arranca da proposta de inversão tal como apresentada por Bakhtin.

O acervo hermenêutico de Bakhtin costuma parecer sedutor aos seus leitores, como é o caso do autor deste artigo; entretanto, isto não dispensa que nos dediquemos a alguns ajustes metodológicos. A obra que desencadeou inúmeros estudos sobre a relação entre festa e cultura em boa parte do mundo trata da cultura lúdica medieval e renascentista a partir da narrativa de Rabelais. O conceito bakhtiniano de inversão deveria ser compreendido no contexto desta metanarrativa.

Como pensador da cultura e teórico da literatura, Bakhtin acentua a centralidade do riso e do grotesco nas ocasiões festivas bem como na própria maneira como se representava e percebia a temporalidade, a corporeidade, a religiosidade e os papéis sociais. Enfatiza a suspensão temporária dos ordenamentos sociais na cultura carnavalesca, que toma forma na teatralização da reversibilidade da hierarquia dos estamentos e prerrogativas. O vigor de sua interpretação permite que seu aparelho conceitual seja utilizado para além do seu objeto precípua. Poder-se-ia falar aqui em uma extrapolação respaldada pelo cuidado e criatividade com que se utiliza esse aparelho teórico-metodológico. Assim, falamos em carnavalesco como algo que relativiza, em maior ou menor magnitude, a ordem social cotidiana, desdobrando-se em processos que seriam impensáveis nos limites modorrentos da normalidade. Essas práticas são inseparáveis da alegria, da burla, da ironia, da galhofa, do excesso, da submissão da regularidade da vida social à ambivalência do discurso normativo.

Relacionado ao conceito de inversão simbólica, encontra-se o conceito de dialogismo, em que Bakhtin<sup>4</sup> desenvolve sua interpretação da obra de Dostoievski. Trata-se da capacidade que os enunciados – discursos, relatos, memórias – têm de comunicar-se entre si. Como Bakhtin parte aí sobretudo dos textos literários desse seu compatriota, para que o conceito possa ser utilizado no estudo das cenas descritas pelas fontes utilizadas neste artigo, é preciso ampliar a compreensão do que sejam enunciados, incluindo no seu universo expressões e manifestações culturais como a culinária e o trato com a comida e a bebida, a indumentária e seu uso, o gestual, a cultura material, enfim, tudo que compõe o cênico enquanto cultura ou se relaciona intimamente a este cênico. A cena carnavalesca pode ser compreendida como uma realização do dialógico, o que por sua vez se relaciona ao conceito de *cronotopo*,

---

<sup>4</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoievski**. 2 ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, 2 ed.

desenvolvido por Bakhtin<sup>5</sup> antes que este se lançasse ao estudo da cultura festiva em Rabelais.<sup>6</sup>

A presente contribuição se desenvolve em três momentos, correspondendo a dois painéis e uma reflexão à guisa de arremate. No primeiro painel, oferecem-se elementos, a partir de fontes bem conhecidas na historiografia colombiana, para a compreensão da vitalidade que a cultura carnavalesca alcançava em Cartagena de Indias desde os tempos coloniais. O segundo painel refere-se a procedimentos lúdicos dos tempos republicanos e da contemporaneidade, que apontam a permanência e intensificação desta cultura nas *Fiestas Novembrinas*. Recorre-se à historiografia e à crônica, bem como à memória de alguns de seus moradores idosos. Por fim, coloca-se o problema da carnavalidade dos festejos e comemorações de novembro, entre os costumes lúdicos tradicionais e o caráter cívico relacionados à comemoração da independência. Neste sentido, faz-se uso de depoimentos de cartageneiros jovens e idosos que podem auxiliar a compreender as nuances desta discussão.

Para o público leitor brasileiro, pode ser útil, antes de passarmos ao objeto propriamente dito da reflexão, colocar algumas informações básicas sobre Cartagena de Indias. Aquela que hoje é a quinta cidade mais populosa da Colômbia, reunindo cerca de 1,1 milhão de habitantes, foi fundada em 1533 como uma das principais sedes políticas, religiosas, comerciais e militares do Império Espanhol. Constituiu-se desde então como um dos maiores portos escravistas da América, concentrando tanto esse tipo de tráfico como o armazenamento do ouro e da prata extraídos da cordilheira e da savana. Suas muralhas, em contínuo processo de reconstrução e ampliação entre o final do século XVI e o final do século XVIII, bem como suas diversas fortalezas, são testemunhas perenes da importância que esta cidadela manteve no complexo circuito do Caribe e de sua relação com a metrópole, razão pela qual recebeu o epíteto de *La Joia de la Corona*.

---

<sup>5</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 2.ed. Prefácio de Tzvetan Todorov.

<sup>6</sup> A divulgação de dois leitores búlgaros de Bakhtin: KRISTEVA, Julia. *Le Texte du Roman. Approche sémiologique d'une structure discursive transformationnelle*. La Haye: Mouton, 1970, e TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtine et le principe dialogique. Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Ed. du Seuil, 1981. Sua divulgação em língua francesa levou a que o termo *intertextualidade* se tornasse mais utilizado que *dialogismo* nos círculos da semiótica e dos estudos pós-estruturalistas da linguagem de modo geral. A leitura de Julia Kristeva sofre o influxo da psicanálise, sobretudo na vertente lacaniana, que sublinha a importância da literalidade da palavra. Não seria desinteressante desenvolver estas questões epistemológicas no presente texto, mas a extensão de um artigo não oportuniza prolongar esta discussão.

Com o fim do tráfico em 1810 e o declínio acentuado da exportação de metais preciosos ao longo do século XIX, a cidade entrou em declínio e só no século XX veio a se configurar como um porto relativamente moderno e um centro cultural dinâmico, mantendo-se em permanente intercâmbio com Vera Cruz e La Habana<sup>7</sup>. Assim, costuma se apresentar, tanto para os seus filhos como para os estudiosos e visitantes (a cada ano mais numerosos), ora como uma cidade caribenha situada na costa atlântica da Colômbia, ora como uma cidade colombiana inscrita na grande região do Caribe. A própria tensão entre os dois vetores de identificação se mostra fecunda para a apreensão de sua singularidade, sendo que alguns de seus traços mais relacionados à tradicionalidade vêm sendo reforçados pela indústria do turismo.

Em quase toda a Colômbia, existem Carnavais os mais variados. No caso da costa atlântica, as *Fiestas Novembrinas* de Cartagena de Indias e o Carnaval de Barranquilla são os mais referidos. Não se deveria esquecer, contudo, que estas grandes festas recapitulam práticas lúdicas de toda a costa atlântica, abrangendo tanto o litoral como a savana e a bacia do rio Magdalena. Nos limites deste artigo, atemo-nos ao caso da primeira dessas cidades, capital do Departamento de Bolívar.

### **Alguns registros da cultura carnavalesca em Cartagena de Indias nos séculos XVIII e XIX**

Um traço burlesco que costuma chamar a atenção à primeira vista de quem se debruça sobre a história das festas na Nova Granada é a própria denominação de *cabildos* aos grupos festivos de bairro que se apresentam nas festas. Ora, *cabildo* é o nome que se dava às corporações municipais encarregadas do governo local no âmbito do Império Espanhol nas Índias<sup>8</sup>. Contudo, o mesmo nome já aparecia nos decretos de Afonso X de León e Castela, no final do século XIII, dispondo sobre a constituição de

---

<sup>7</sup> Esta integração cultural é minuciosamente tratada por DOMINGUEZ, Freddy Ávila, MONFORT, Ricardo Pérez, RINAUDO, Christian (org.). **Circulaciones culturales. Lo afrocaribeño entre Cartagena, Veracruz y La Habana**. Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social - CIESAS, México; Institut de Recherche pour le Développement - IRD, Francia ; Proyecto de la Agence Nationale de la Recherche (ANR) “Afrodescendants et Esclavages Domination, Identification et Héritages dans les Amériques” (“Afrodesc”, Francia-México-Colômbia); Universidad de Cartagena (Colômbia) ; El Colegio de Michoacán (México), 2011.

<sup>8</sup> No início do século XVI, a partir da percepção de Américo Vespúcio e outros mestres das artes náuticas, já era corrente a constatação de que os novos territórios alcançados pelos europeus não faziam parte do Oriente. Entretanto, manteve-se entre os espanhóis a denominação de *Índias* para as conquistas do Novo Mundo. Por esta razão, o próprio nome da cidade de Cartagena de Indias a distinguiu da cidade homônima situada na província de Murcia, na Espanha. Nos tempos coloniais, a Cartagena americana era também chamada de Cartagena del Poniente, em contraposição à Cartagena del Levante.

*cofradías*,<sup>9</sup> *cofradías de negros* ou *cabildos de negros*, encarregados de organizar cerimônias religiosas como procissões, sempre relacionados a um santo ou outro ícone sagrado católico.<sup>10</sup> Tratava-se da incorporação dos africanos e seus descendentes segundo sua língua e origem específica, uma estratégia análoga àquela que se verificaria alguns séculos depois com as irmandades negras na América Portuguesa. Note-se que, entre os costumes associados aos cabildos, alguns eram considerados cristãos e outros, pagãos. A estratificação desses procedimentos apontava a presumida superioridade da fé cristã.

Os cabildos aparecem aqui e ali nos núcleos mais densamente povoados de Nova Granada, associados às práticas festivas – sobretudo musicais e coreográficas – dos escravos e da população mais pobre de modo geral, muitas vezes referidas como *bundes*.

A bibliografia sobre os cabildos mostra a relação entre esses grupos e as *Carnestolendas*.<sup>11</sup> Não é difícil perceber a antítese carnavalesca dos dois significados de *cabildo*: o cordão carnavalesco e a representação local do governo imperial. Maria del Carmen Plá<sup>12</sup> já assinala a presença de cabildos negros em Cartagena de Indias no primeiro século da colonização, por ocasião da Festa da Virgem da Candelária, realizada no 2 de fevereiro, que se constituiria desde então como a mais concorrida comemoração católica da cidade. Assim, a história das festas, em que os cabildos aparecem com destaque, é indissociável da própria história da cidade como um todo.

Passamos, então, a identificar a força dos traços carnavalescos no universo das festas de Cartagena de Indias em três documentos, tomados como emblemáticos de posturas tanto de diversos setores da população como de representantes das elites e do próprio Estado.

Inicialmente, detenhamo-nos em alguns parágrafos de uma polêmica que, na segunda metade do século XVIII, se desenrolou entre a Mitra e a Coroa nessa cidade.<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> Em português contemporâneo, o equivalente seria *confrarias*.

<sup>10</sup> VÉLEZ, Cabildos festivos en la Independencia de Cartagena. **Artesanías de América**. Cuenca, Ecuador: Centro Interamericano de Artesanías y Artes Populares, 2007, n. 63/64, p. 103-141.

<sup>11</sup> Baroja discorre abundantemente sobre a multiplicidade de denominações para as festas carnavalescas, identificando termos como *Introito*, *Antruejo*, *Carnestoltes* e *Carnestolendas*. Este último foi o que mais frequentemente atravessou o Atlântico, sendo referido diversas vezes em decretos do Rei e dos governantes locais. É o equivalente ao *Entrudo* na América portuguesa. BAROJA, Julio Caro. *El Carnaval. Análisis histórico-cultural*. Op. cit.

<sup>12</sup> PLÁ, María Carmen Borrego. **Cartagena de Indias en el siglo XVI**. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos/Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1983.

<sup>13</sup> Uma análise dessa peleja, com ênfase nos aspectos etnomusicológicos das práticas festivas da Nova Granada, encontra-se em HENRÍQUEZ, Adolfo González. *La música del Caribe colombiano durante la*

O Arcebispo de Cartagena de Indias no período 1765-1772, Don Diego de Peredo, proibiu os *bundes* e fandangos, ameaçando seus praticantes com a excomunhão e solicitando a Carlos III a ratificação deste interdito. Em 1769, o Rei perguntou ao Governador Gregorio de la Sierra se seriam assim tão inconvenientes estes festejos. Este ponderou que essas danças eram uma prática muito arraigada e difundida e que seria muito improvável que se lograsse sua proibição. Governador e Arcebispo parecem ter combinado, então, que a interdição se daria na véspera de dias santos e de guarda, para que não se comprometesse a afluência dos fiéis à liturgia.

A polêmica iria muito mais além. O Governador afirma, numa das peças desse curioso epistolário, que havia visto dessas danças em algumas províncias espanholas, ao que respondeu o Rei que a proibição dos *bundes* não eram matéria de competência eclesiástica. Transparece, nesse contexto de tensa interlocução, a força que essas práticas alcançavam na Cartagena de então.

Intensificou-se a discussão com o Arcebispo seguinte, Don Joseph Díaz de la Madrid, que em 1781 escreve ao mesmo Carlos III uma carta que pode ser citada como um dos documentos mais visitados entre as fontes para este campo de estudos na Colômbia. O prelado havia empreendido uma visita pastoral em dois períodos de estiagem, visto que seria inviável este cuidado durante as chuvas, demorando-se em inúmeras vilas e povoados e oferecendo um relato do que considera a degradação dos costumes em toda a Arquidiocese. Apreciemos um trecho em que se refere diretamente aos *bundes*:

Y para la más perfecta inteligencia en este punto, debe tenerse presente que aunque en los bailes informo a Su Majestad el Gobernador Don Fernando Morillo en años pasados que eran parecidos a los de los Gallegos, se encuentra en unos y otros notables diferencias, porque los bundes comúnmente se hacen de noche en las calles, patios o plazas o en los campos. Los que concurren son indios, mestizos, mulatos, negros y zambos, y otras gentes de inferior clase: todos se congregan de montón sin orden ni separación de sexo, mezclados los hombres con las mujeres, unos tocan, otros bailan y todos cantan versos lascivos, haciendo indecentes movimientos con sus cuerpos. En los intermedios no cesan de tomar aguardiente y otras bebidas fuertes que llaman guarapo y chicha y duran estas funciones hasta el amanecer. [...]

Ya se dejan considerar las proporciones que hacen para el pecado la obscuridad de la noche, la continuación de las bebidas, lo licencioso del paraje, mixturación de los sexos y la agitación de los cuerpos, de todo lo cual han de resultar las fatalísimas consecuencias que pueden

inferirse e de aquí dimana que embriagados los unos, entorpecidos los otros y cansados y rendidos del sueño todos o no vayan a misa en la mañana siguiente (que es lo más ordinario) o no puedan oírla con la competente devoción)<sup>14</sup>.

Para Don Joseph, a licenciosidade dos costumes chegava a ameaçar a regularidade da vida social naquela extremidade do Império. O que nos interessa, aos efeitos deste artigo, é verificar que essas práticas se configuravam como um espaço de socialização que não somente permitia superar ludicamente as agruras da vida em ocasiões frequentes e prolongadas, como se prestava a integrar setores consideravelmente diferenciados da sociedade cartageneira, incluindo os próprios colonos espanhóis, como se depreende em algumas entrelinhas da correspondência entre as instâncias reais e eclesiásticas. Por toda parte, o espírito do Carnaval parece favorecer também um certo relaxamento da distância entre os setores tão hierarquizados da sociedade colonial...

O historiador Edgar Rey Sinning<sup>15</sup> afirma que bailes desta natureza eram comuns na costa atlântica durante o século XVIII, sendo chamados *bundes* ou *fandangos*. O que variava era a postura dos governantes e eclesiásticos, que se mostravam tolerantes quando se tratava das famílias distintas, de espanhóis e *criollos*, tornando-se restritivos e perseguidores no caso dos bailes populares.

Vejamos agora um documento em que o Governador seguinte, alguns anos mais tarde, dispõe sobre o equivalente ao nosso Entrudo:

En la ciudad de Cartagena de Indias a [en blanco] de 1789 el Señor Don Joaquín de Cañaberal y Ponce, Caballero de la orden de Santiago, jefe de Esquadra de la Real Armada, Gobernador Politico y Militar y Comandante General de mar y tierra de esta dicha ciudad y su Provincia, Juez Subdelegado en ella de Rentas Reales e Inspector de todas las tropas veteranas y de milicias del Distrito y comprehención del Virreynato de Santa Fe por su Magestad dixo: [...]

64. Que cualquiera persona de qualquiera calidad o condición que sea [no] pueda hechar agua, ni tirar huevos u otras cosas por las calles de esta ciudad y Barrio de Gimani<sup>16</sup> a las personas que transitaran por ella en tiempo de Carnestolendas, ni tampoco arrojarlos a las Bentanas y Balcones pena de 500 azotes a los esclavos que incurrieren en ello y

<sup>14</sup> INFORME DEL OBISPO DE CARTAGENA SOBRE EL ESTADO DE LA RELIGIÓN Y DE LA IGLESIA EM LOS PUEBLOS DE LA COSTA, 1781. **Huellas. Revista de la Universidad del Norte, Barranquilla**, Colombia, n. 22, nov. 1985, p. 67. O documento original encontra-se no Archivo General de Indias – AGI, em Sevilha, tendo como referência: Audiencia de Santa Fe, Legajo 1171.

<sup>15</sup> SINNING, Edgar Rey. **Proclamaciones, exaltaciones y celebraciones en el Caribe Colombiano**. Siglos XVIII-XIX. Cartagena de Indias: Ediciones Pluma de Mompox, 2008.

<sup>16</sup> Esta corruptela de Getsemaní aparece em vários documentos, de modo que não se trata apenas de uma versão popular de iletrados, mas uma contração do nome atribuído desde o século XVI à parte meridional da área em que se encontra Cartagena de Indias.



de 50 pesos a las demás personas de otra clase libres y blancas. I si no tubieren con que satisfacer la multa sufrirán siendo mujeres de baja esfera un mes de cárcel y los hombres de dos meses de fabrica o de arresto en un castillo por igual tiempo si fueren nobles y pobres. I habiéndose servido su Magestad de extender a la América la Prohibición de Mascaras, se ordena, y mando que ninguna pueda usar de ellas en el expresado tiempo de Carnaval ni en otro alguno bajo la pena expresada, que se aplicará por tercias partes a la Real Cámara gastos de justicia y Patrulla o Ministro Aprehensor<sup>17</sup>.

É expressiva a antítese entre a coleção de títulos e prerrogativas do Governador e a pujança das práticas que intenta coibir. Se se proíbe aos escravos molhar ou atirar ovos sobre os passantes desde os balcões, é porque inclusive os escravos o faziam. A prática do Entrudo é tão forte que esse altivo mandatário não deixa de acenar para uma certa tolerância com relação aos *bundes*, ao tempo em que mantém a hierarquização entre as qualidades de baile de acordo com o setor social:

65. Que los Bundes y Fandangos de Tambor o Cantares en alta voz, que acostumbran los negros y gentes Plebeyas en las vísperas y días de fiesta, no pueden durar más que hasta poco después de las nueve de la noche en que acabada la retreta deben retirarse a sus casas todos los concurrentes, a excepción de la víspera de Navidad y de los Santos Reyes, en que se han tolerado siempre por estado del País. Entendiéndose los mismos respecto a los Bailes serios de otra especie bajo la pena de 4 pesos al dueño de la casa y otros tantos a los que hicieren caveza en estos festines y tocaren los tambores aplicados aquellos de por medio a la Patrulla o Ministro aprehensor y gastos de Policía. Y en caso de que por algún honesto motivo hubiere de continuar por más tiempo por la diversión, deberá ser precisamente de estos últimos y no de Bundes o fandangos, y con noticia y permiso a lo menos del Comisario de Barrio, el que se deberá estar en la mira para procurar contener y evitar qualesquiera desordenes que puedan cometerse<sup>18</sup>.

Nem as cerimônias fúnebres escapam do império dos festejos na Cartagena do final do século XVIII:

66. Que en las casas donde hubiere velorio de difuntos se cierren las puertas a la hora acostumbrada de la queda y se escuse la concurrencia de muchas personas, de uno y otro sexo; que suelen congregarse a beber y jugar con aquel pretexto en el discurso de la noche de cuya perversa corruptela tan común en la gente ordinaria quanto escandalosa se originan excesos y crecidos gastos a los dolientes por lo que únicamente que puedan quedar acompañando a estos gastos algunos Parientes y amigos más allegados..<sup>19</sup>

<sup>17</sup> EL DEBER DE VIVIR ORDENADAMENTE PARA OBEDECER AL REY. Archivo General de Indias. Fondo : Capitanía General de Cuba (Papeles de Cuba). Transcripción de Gilma Mora de Tovar. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, n. 20, 1992, p. 124.

<sup>18</sup> *Idem, ibidem*, p. 125.

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*, p. 125.

É como se, de alguma forma, a intermitência da festa ameaçasse a ordem da província e do Império, como havia dito Don Joseph de la Madrid. Lembremos que este enxergava na profusão dos *bundes* a insuficiência do controle do Império sobre os súditos e o risco que corria o bom funcionamento da colônia no seu bojo. O Governador não presume que houvesse *bundes* nos velórios, mas fala de divertimentos, gritarias e bebedeiras.

Foi nesta mesma Cartagena de Indias que nasceu em 1797, oito anos após o decreto acima citado, Joaquín Posada Gutiérrez, provavelmente o autor de algumas das fontes mais fascinantes para a história de seu país no século XIX. Suas *Memórias Histórico-Políticas* são muito conhecidas entre os historiadores seus patrícios. Destacamos algumas páginas do capítulo 34, que se referem justamente às Festas de Nossa Senhora da Candelária. Apesar de a primeira edição das *Memórias Histórico-Políticas* ter vindo à luz em 1865, o que indica que o autor concluiu o texto quando tinha 66 ou 67 anos, o capítulo em que se refere às festas de Cartagena guarda um tom de reminiscência, como ele mesmo confessa: “Estos recuerdos de mi infancia y de mi primera juventud me parecen un sueño”<sup>20</sup>. Cotejando aspectos das biografias do autor e de Bolívar, a quem se refere continuamente, e inclusive à sua passagem por Cartagena quando o autor era jovem, pode-se supor que as cenas descritas teriam ocorrido na terceira década do século XIX. O próprio Posada Gutiérrez foi aí Governador entre 1841 e 1845, mas os registros deste capítulo são anteriores ao seu mandato.

O General é um conservador que não cessa de afirmar reiteradamente que o destino da Colômbia se leva a bom termo quando a nação segue o destino traçado pelo Libertador e conhece o fracasso quando se dá o contrário. Detesta os liberais e coloca a religião católica como superior a qualquer outra instituição, o que encontra correspondência na matriz etnocêntrica *criolla*, que preside a todas as comparações que tece entre brancos, negros, índios e os diversos tipos de mestiços. É interessante observar este lugar de fala porque o autor surge, assim, como uma testemunha peculiar da força das práticas carnavalescas na Cartagena da primeira metade do século XIX. Vejamos o que diz sobre a sua inserção nas Festas da Candelária:

Para la gente pobre, libres y esclavos, pardos, negros, labradores, carboneros, carreteros, pescadores, etc., de pie descalzo, no había salón de baile, ni ellos habrían podido soportar la cortesanía y

---

<sup>20</sup> POSADA GUTIÉRREZ, Joaquín. *Memorias Histórico-Políticas*. 2 ed. Biblioteca de Historia Nacional, volumen XLII. Bogotá: Imprenta Nacional, 1929, 2 ed., p. 210.

circunspección que más o menos rígidas se guardan en las reuniones de personas de alguna educación, de todos los colores y razas. Ellos, prefiriendo la libertad natural de su clase, bailaban a cielo descubierto al son del atronador tambor africano, que se toca, esto es, que se golpea con las manos sobre el parche, y hombres y mujeres en gran rueda, pareados, pero sueltos sin darse las manos, dando vueltas alrededor de los tamborileros. [...] Músicos, quiero decir manoteadores del tambor, cantarinas, danzantes y bailarinas, cuando se cansaban, eran relevados, sin etiqueta, por otros y por otras; y por rareza la rueda dejaba de dar vueltas, ni dos o tres tambores dejaban de aturdir en toda la noche<sup>21</sup>.

Na sua perspectiva, a ordem em que se apresentavam os diferentes setores da sociedade permitia a diversão dos negros mediante sua incorporação assimétrica. A própria participação dos escravos conferia à Festa da Candelária um caráter integrador:

Seguían diariamente las fiestas de iglesia de los gremios de mercaderes, de artesanos, de la matrícula de marina, de las maestranzas, etc., hasta el domingo de carnaval, último día, que tocaba a los negros bozales. Entonces los había en gran número, a los que se agregaban algunos de los ya nacidos en el país, todos esclavos. Siempre tuvieran ellos en la ciudad y las haciendas sus cabildos de mandingas, caravalíes, congos, etc., cada uno con su rey, su reina y sus príncipes, porque en África hay aristocracia, aún salvaje, y el negro tiene el instinto y la tradición de la monarquía absoluta: Cristóbal y Zoulouque en Haití lo han probado<sup>22</sup>.

No final da Festa, os negros pareciam se divertir ainda mais que os seus amos:

Desde aquel momento hombres y mujeres quedaban completamente libres para divertirse en sus cabildos hasta las seis de la mañana del miércoles, que oían misa en San Diego, en el altar de San Benito el negro<sup>23</sup>.

O autor, de passagem, deixa entrever que este tipo de prática festiva se tornou mais recorrente e licenciosa com o passar das décadas:

Antes estos bailes no se usaban sino en las fiestas de alguna de las advocaciones de la VIRGEN, y en la del santo patrono de cada pueblo, sólo en su pueblo. En la del carnaval, y en alguna que otra notable. Ahora [1866-7] no hay en las provincias de la costa, arrabal de ciudad, ni villa, ni aldea, ni caserío donde no empiece la zambra desde las siete de la noche del sábado y dure hasta el amanecer del lunes, constituyendo el juego y el aguardiente la principal diversión; así es que los jornaleros y menestrales, malbaratando en esas dos noches y en el día intermedio cuanto ganaran en la semana, quedan postrados de cansancio, sus trabajos suspendidos el lunes y muchas veces el martes, y sus familias y ellos mismos sufriendo hambre y contrayendo deudas. La necesidad los obliga a trabajar dos o tres días de la semana, para el sábado siguiente volver a la misma criminal

---

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, p. 197-198.

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, p. 207-208.

<sup>23</sup> *Idem, ibidem*, p. 209.

disipación. Así es que toda empresa de campo en que haya de trabajarse con jornaleros es perdida, porque nunca puede contarse con ellos en los momentos más necesarios (Grifo no original)<sup>24</sup>.

A quantidade das citações, que poderia parecer excessiva não fora a fecundidade dessas memórias como fonte, vem corroborar a normalização daquilo que os documentos do século anterior pareciam temer e cercar com tanta vigilância. Na República, os negros tinham sido assimilados de modo subalternos mas, sim, assimilados, e continuavam a divertir-se intensa e frequentemente.

O General Posada Gutiérrez muito pouco se refere ao processo de independência de Cartagena de Indias. Apenas lamenta o massacre cometido por ocasião da reconquista espanhola, em 1815, pelas tropas do General Pablo Morillo. A Declaração de Independência Absoluta de Cartagena de Indias, em 11 de novembro de 1811 – a *Acta de Independencia* ou o *Bando de la Independencia*, como é chamada aí –, que contou com o influxo dos *criollos* também da vila de Santa Cruz de Mompox, corresponde ao primeiro episódio de liberdade diante da coroa espanhola no continente americano. Em termos do que chamamos hoje de América Latina e Caribe, somente o caso do Haiti precedeu aquele da cidade de Posada Gutiérrez.

Este processo foi exaustivamente estudado por Alfonso Múnera, que advoga a singularidade da participação de negros e mulatos na luta pela independência de Cartagena de Indias, acentuando a atuação particularmente definidora de um setor da população formado por negros livres.

Siempre que se pudieran vestir bien e hicieran gala de la “educación requerida” para comportarse en tales ambientes, negros y mulatos en el carnavalesco mundo de Cartagena eran incorporados, hasta cierto punto, en la práctica colectiva de la danza.<sup>25</sup>

O autor sublinha, em diversos momentos, a importância da composição étnica de sua população e o traço carnavalesco de sua interação social:

Un ambiente de carnaval, de muchos extranjeros negociantes y aventureros, de muchas cantinas y bailes, de negras y mulatas obligadas a salir de noche a ganarse el jornal exigido por sus amos, de curas libidinosos y contrabandistas y, por supuesto, de autoridades y patricios untados hasta el tuétano de ilegalidad y corrupción, le dio el tono a la vida cotidiana de este puerto del Caribe, donde la Inquisición se complacía en perseguir a judíos conversos y negros dedicados a la brujería.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> *Idem, ibidem*, p. 200.

<sup>25</sup> MÚNERA, Alfonso. *Fronteras Imaginadas. El Fracaso de la Nación. Región, clase y raza en El Caribe colombiano (1717-1821)*. Bogotá: Ed. Planeta Colombiana, 2008. Nueva edición, p. 107.

<sup>26</sup> *Idem, ibidem*, p. 113-114.

Assim, não admira que a participação dos negros e mestiços nesta construção tenha sido relacionada à embriaguez. É oportuno recorrer, neste sentido, ao comentário de Edgar Rey Sinning:

Debe entender-se que, además de la posibilidad de cometer pecados, los participantes [de los bundes] también propiciaban el encuentro entre los sectores populares. Esto último, es bien importante, aunque no esté explícito en los informes, si lo va ser al momento de los actos que antecederían a la independencia de la ciudad, cuando se acusó a muchos sublevados de estar influenciados por el alto grado de alcoholemia. Por lo tanto no eran bien vistos estos bailes por las autoridades por el potencial de sublevación social y política<sup>27</sup>.

### ***Fiestas de la Candelaria e Fiestas de la Independencia***

As comemorações do *Once de Noviembre*, ou simplesmente do *Once*, tiveram início no primeiro aniversário da independência. A Festa da Candelária prosseguia, reunindo centenas de fiéis a cada ano e reunindo os setores mais diferentes da sociedade cartageneira. O que se observa, ao longo do século XIX, é que os festejos de novembro foram aos poucos absorvendo os folguedos antes relacionados à Candelária. Nisto convergem Edgar Gutierrez<sup>28</sup> e Enrique Muñoz Vélez<sup>29</sup>. Aquela que fora instituída como comemoração cívica progressivamente assimilava os aspectos profanos da grande festa católica de Cartagena de Índias.

Não se diga, entretanto, que esta passagem de elementos de uma festa a outra se deu sem que se transformassem ambas. Tanto se enriqueceu e diversificou a *Fiesta del Once* como se concentrou nos aspectos religiosos a Festa da Candelária. Um dos aspectos mais interessantes deste circuito é a instituição do *bando* como um cortejo ao mesmo tempo cívico e lúdico, que chegou até nossos dias em meio a um sem fim de polêmicas.

Tanto na América portuguesa como na espanhola, dizia-se *bando* quando o Rei ou o Governador enunciava um decreto. Este se fazia anunciar através de um leitor que, juntamente com um tambor, lia o edito seja em lugar fixo onde costumasse passar muita gente, seja em pequeno cortejo pelas ruas do centro da cidade. Tal cortejo aumentava

<sup>27</sup> SINNING, Edgar Rey. **Proclamaciones, exaltaciones y celebraciones en el Caribe Colombiano. Siglos XVIII-XIX**, *Op. cit.*, p. 84.

<sup>28</sup> GUTIÉRREZ, Edgar. **Fiesta de la Candelaria en Cartagena de Indias. Creer, poder y gozar**. Medellín: Editorial Lealon, 2009. **Fiestas: Once de Noviembre en Cartagena de Indias. Manifestaciones Artísticas. Cultura Popular 1910-1930**. Medellín: Editorial Lealon, 2010.

<sup>29</sup> VÉLEZ, Enrique Luís Muñoz. **Cartagena Festiva**. El 11 de noviembre y sus signos culturales. Cartagena de Indias, Corporación Nacional Concurso de Belleza, 2007.

com a adesão de curiosos, transeuntes e circunstantes, incluindo crianças, loucos e mendigos, configurando-se muitas vezes como carnavalesco, com a incorporação de personagens e práticas burlescas.

Desta forma, no caso de Cartagena de Indias, a expressão *el bando* tanto designava o texto da lei como a leitura do texto e a aglomeração e balbúrdia que o seguiam. Passou-se a dizer, então: *Vamo p'al Bando* para conclamar à participação no cortejo comemorativo do *Once*. Tradicionalmente, o ponto alto do *Bando* é justamente a leitura da *Acta de Independencia*, o documento que, por sua vez, é o *Bando*. Em alguns bairros próximos da cidade amuralhada ou situados no seu interior passaram a organizar festas que se chamaram *bandos*, sendo a mais conhecida o *Bando de San Diego*, um bairro na parte noroeste da cidade, tendo perdurado dois séculos.

Edgar Gutiérrez refere-se frequentemente ao cuidado das elites no sentido de manter a hierarquização das prerrogativas como princípio da convivência na mesma ocasião. As diferenças sociais se manifestavam inclusive nos instrumentos musicais usados pelos setores da população nas festas.

Esto favorecía, por supuesto los bailes de música acompañados de cuerdas, piano, vientos, organillo, concertina, acordeón, arpa, pero excluía tajantemente los bailes con tamboras, gaitas u otros análogos, pertenecientes al campo típicamente de las fuerzas populares.<sup>30</sup>

Desde as primeiras décadas das *Fiestas de la Independencia*, se costumava jogar sobre os passantes ou sobre os outros brincantes, além de água, coisas como polvilho de milho e tinturas. Atirava-se também urina, barro e ovos (nem sempre frescos), seja dos balcões, seja na rua mesmo. Enfim, temos aí as *Carnestolendas* de que fala um dos documentos citados na seção anterior, tão do agrado de Baroja.

Por sua vez, Enrique Vélez se debruça sobre a história das *Fiestas Novembrinas* referindo-se a diversos folguedos e manifestações da própria Cartagena de Indias e da savana que confluíram para as comemorações na capital. Trata-se de pantomimas que caracterizam formas coreográficas como a *cumbia* e o *mapalé*, acentuadas com o consumo intenso do álcool e a própria excitação festiva. Trata-se também de várias peças do *teatro callejero*<sup>31</sup>, com personagens como o marido traído, a esposa e seu amante, ainda hoje visíveis nas festas populares da savana caribenha.

---

<sup>30</sup> GUTIÉRREZ, Edgar. *Fiestas: Once de Noviembre en Cartagena de Indias. Manifestaciones Artísticas. Cultura Popular 1910-1930. Op. cit.*, p. 165-166.

<sup>31</sup> Teatro de rua.

O cortejo das *carrozas*<sup>32</sup> consta já nas notícias sobre as primeiras festas. Segundo Vélez, o *Once* recapitula toda a tradição festiva profana de Cartagena de Indias.

[...] música, danza, comparsas, disfraces, bailes callejeros, vestidos, carruajes (hechos por los artesanos), romería y burla de lo político que asume la mascarada carnavalesca en la construcción de una ciudad imaginada con sus garitos y comensales.<sup>33</sup>

Segundo o mesmo autor, a novidade radical que vem com as *Fiestas Novembrinas* é o tom libertário, independente da relação de vassalagem com relação à Coroa.

La gente de la ciudad ya no celebraba el duelo y la jura como antes, en una ruptura total de una de las tipologías dominantes. Surgió entonces una nueva actitud y forma de celebrar, la subversiva, en franco menosprecio por las leyes coloniales, que inauguraba un tipo de festejo cívico con connotaciones patrióticas. La cultura subalterna se reveló para instaurar una fiesta republicana que celebraba la libertad.<sup>34</sup>

Detenhamo-nos por um momento na singularidade do bairro de Getsemaní nesse campo. Sérgio Solano de las Aguas ressalta a importância dos trabalhadores relacionados ao porto e aos serviços mais amplamente falando na Cartagena de Indias do final do século XVIII e inícios do XIX. Um número considerável de ofícios correspondia aos artesãos que trabalhavam com madeira, couro, metais e alvenarias, abrangendo desde a construção e reparo de utensílios à de embarcações, residências, prédios do governo, instalações aduaneiras e portuárias e as próprias muralhas, que necessitavam contínua manutenção. Em relação à distribuição desses operários em 1777, o autor tece uma observação sobre Getsemaní:

[...] la peculiaridad laboral de este barrio era la presencia de los carpinteros de ribera, calafates y herreros con el 27,3%, lo que estaba en concordancia con la presencia de oficios ligados al Arsenal-Apostadero de la Marina. Y también resaltaba el número de matriculados de la mar pues en ese barrio residían 377 hombres enlistados para prestar el servicio de la mar, alta cifra si se tiene presente que en Santa Catalina no aportaba ningún hombre al servicio de la mar.<sup>35</sup>

O mesmo historiador afirma sobre a experiência de 1811:

<sup>32</sup> Carros alegóricos.

<sup>33</sup> VÉLEZ, Enrique Luís Muñoz. *Cartagena Festiva. El 11 de noviembre y sus signos culturales*. Op. cit., p. 51.

<sup>34</sup> *Idem, ibidem*, p. 54.

<sup>35</sup> SOLANO DE LAS AGUAS, Sergio Paolo. Cartagena de Indias. Sociedad, trabajadores e independencia en el tránsito del siglo XVIII al XIX. Entrevista por Alberto Abello Vives. *Cuadernos de Noviembre*, v. 1. Cartagena de Indias: Instituto de Patrimonio e Cultura de Cartagena, 2016, p. 19.

Los dirigentes populares de la independencia de Cartagena salieron de esas familias de color libres que habían diseñado estrategias personales y familiares para mejorar sus posiciones y alcanzar el reconocimiento social. Habían trabajado con ahínco, e sus talleres y en las fortificaciones y el Arsenal de la Marina, y otros fueran oficiales de las milicias durante varios decenios. En la memoria colectiva el nombre que más ha perdurado es el de Pedro Romero.<sup>36</sup>

Este dado é relevante para se compreender a importância especial que esse bairro detém na história da independência e de suas comemorações. É o núcleo mais antigo e dinâmico fora das muralhas principais e daí saíram os *Lanceros de la Independencia* no dramático *Once*. O próprio Pedro Romero, cuja figura de herói vem sendo cultivada com mais ênfase nos últimos anos, vivia na primeira casa da *Calle Larga*, na parte de Getsemaní mais próxima ao porto.

Quais teriam sido os primeiros *cabildos de las fiestas de independência*? São grupos que incluem *comparsas*<sup>37</sup> e *disfraces*<sup>38</sup> os mais variados, vindo dos diversos bairros e frequentemente misturando-se durante o próprio cortejo. Os *cabildos* e os *bandos* se confundem geneticamente. Percebe-se nitidamente, tanto pelas fontes que noticiam as apresentações nos séculos anteriores como na cena contemporânea, a autonomia dos *cabildos* na sua organização e na sua montagem espetacular. O mais prestigioso continua sendo o *Cabildo de Getsemaní*. Parece unânime que este seja o mais antigo em atividade, emblematizado como origem e referência.

Vejam os então alguns aspectos das manifestações populares das *Fiestas Novembrinas*.

Uma delas é o *capuchón*. Trata-se de uma sátira do *San Benito*<sup>39</sup>, o capuz com que se cobria o rosto da vítima dos processos inquisitoriais. Em Cartagena de Indias, o Tribunal do Santo Ofício manteve suas atividades desde sua fundação, em 1610, até a Independência, em 1811. Com a Reconquista em 1816, a Inquisição foi restaurada e só em 1821, com a saída definitiva dos espanhóis do governo, foi definitivamente desmontada.

O *San Benito* é o mesmo das procissões penitenciais espanholas. Seja uma, seja outra a raiz do costume do *capuchón*, pode-se ver aí a inversão do emblema do castigo ou do recolhimento penitencial, ou da própria disciplina monástica. Os *capuchones* falavam em falsete e faziam denúncias de todo tipo, como dívidas, estelionatos, traições

<sup>36</sup> *Idem, ibidem*, p. 70.

<sup>37</sup> Pequenos grupos com fantasias e coreografias temáticas, podendo haver alguns deles no mesmo *cabildo*.

<sup>38</sup> Fantasias.

<sup>39</sup> Trata-se de uma metonímia de São Bento, criador da regra que prescrevia um capuz para os monges.



conjugais, fracassos e todo tipo de situação vexatória, despertando simultaneamente constrangimento e riso. Foram proibidos pela polícia em 1963 como medida de segurança, após o assassinato passional cometido por um homem contra sua esposa que fazia uso desse *disfraz* para traí-lo, no bairro de Getsemaní. Informações colhidas junto a moradores idosos apontam a sua permanência mais de duas décadas após a interdição oficial.

De acordo com Vélez, é provavelmente em 1906 que se dá a primeira *batalla de flores*, seguindo o costume que já se praticava em Barranquilla deste 1903. O nome vem do gesto do General Vengoechea teria tido, ao substituir os tiros de canhão por tiros de flores, assinalando o final da Guerra dos Mil Dias<sup>40</sup>. A novidade, por si uma metáfora carnavalesca na lógica bakhtiniana, permanece até os nossos dias.

Por ocasião do primeiro centenário da Independência, em 1911, observa-se o projeto de disciplinar a festa, reforçando a sua dimensão cívica e inserindo a festa maior de Cartagena de Indias na memória nacional. Segundo Rafael Acevedo Puello<sup>41</sup>, tratava-se de construir uma memória local e, neste sentido, desenvolveu-se uma pedagogia patriótica nas escolas da cidade. A *Acta de Independencia* foi como que nacionalizada e a ênfase recaiu sobre os homens ilustres que participaram do processo. A proposta era fomentar a edificação do homem virtuoso, com base no modelo católico de formação, numa visão liberal da sociedade e da economia, de modo a preparar um cidadão ao mesmo tempo cartageneiro e colombiano. Foi um projeto nacional levado a cabo de modo próprio pelas elites cartageneiras.

Diversos aspectos poderiam ser elencados no sentido de compor uma história das *Fiestas Novembrinas* no século XX. Aos efeitos da presente reflexão, interessa ressaltar aqueles que se prestam a discutir a proposta de compreender a comemoração como carnavalesca.

Neste sentido, um capítulo relevante é a instituição do *Reinado Nacional de Belleza*<sup>42</sup>. Este certame foi realizado em Cartagena de Indias desde 1934 na semana do *Once*, observando-se, ao longo das décadas, o crescimento de sua importância e de sua centralidade no contexto da festa em termos de grande espetáculo. Deve-se ressaltar o prestígio que esta instituição conserva na sociedade colombiana, envolvendo patrocínios

---

<sup>40</sup> A guerra civil assim chamada se deu entre conservadores e liberais, entre 1899 e 1902, acarretando graves perdas dos dois lados e terminando com a vitória do governo sobre os oponentes.

<sup>41</sup> ACEVEDO PUELLO, Rafael Enrique. **Memorias, lecciones y representaciones históricas: la Independencia em las escuelas de la provincia de Cartagena (1900-1920)**. Bogotá: Uniandes, 2011.

<sup>42</sup> Equivalente ao concurso de Miss Colômbia.

poderosos no ramo da moda – tecidos, confecções, cosméticos, adereços e demais artigos de beleza –, além da disputa pela audiência televisiva. Quase sempre, a jovem vitoriosa foi branca, de cabelos lisos – castanhos ou negros – e de perfil tipicamente espanhol. Ou seja, trata-se da afirmação, a cada ano, de um padrão de beleza francamente etnocêntrico. As *carrozas* com as *reinas* tornaram-se, progressivamente, o centro do cortejo do dia da independência, até 2015.

A história das tensões entre este componente e o conjunto das manifestações culturais da festa é complexa e revela o grau de conflitividade entre os diversos setores envolvidos na sua organização. Três anos após a criação do *Reinado Nacional de Belleza*, em 1937, instituiu-se o *Reinado de la Independencia*, uma competição entre as representantes dos bairros da própria Cartagena de Indias<sup>43</sup>. Resulta evidente a antítese étnica da configuração dos dois *Reinados*. Ao primeiro, quase só concorrem mulheres brancas enviadas pelos 32 Departamentos e Distrito Federal, sendo duas ou três negras e mestiças e uma indígena, quase sempre do Departamento de La Guajira. Do segundo, participam jovens negras, mestiças e brancas.

Torna-se difícil datar a proliferação dos *reinados de beleza* por toda parte em Cartagena de Indias a partir dos periódicos, que não costumavam noticiar a ocorrência destes folguedos nos bairros menos prestigiados. Entretanto, depoimentos dão conta de que pelo menos desde os anos 60 do século XX se fazem estes *reinados* nos bairros tradicionais como Torices, fundado em torno de 1920 por moradores egressos de Getsemaní. Nesses relatos, percebe-se que os *reinados* foram se integrando aos *cabildos*, havendo em muitos casos *reinados* específicos de crianças, adolescentes e jovens.

Aos cortejos dos *cabildos*, integravam-se *disfraces* muito originais, identificando aquele indivíduo com um personagem, seja histórico, seja inventado especialmente para as *Fiestas*, seja ainda uma recriação alegórica de um personagem histórico. Entre os personagens mais conhecidos dos últimos anos, encontra-se *Shakira em el burro*, uma mulher pequenina e gorda que sai de seu bairro distante trazendo um jegue chamado Piquet, montado por um boneco chamado Milan<sup>44</sup>. Outro personagem é o *Blás de Lezo*

---

<sup>43</sup> Dois registros singulares da primeira *Reina de Independencia*, Amira Mouthon de Crismatt, realizados em 2010 e 2011 – mais de 70 anos após o primeiro título – se encontra nos endereços eletrônicos <https://www.youtube.com/watch?v=gJ7AD3naFLo> e <http://www.youtube.com/watch?v=aKnjx2Ft4C0>.

<sup>44</sup> Respectivamente, marido e primogênito da famosa intérprete. Piquet se tornou famoso por atuar como defensor no Barcelona.

performatizado por Armando Morales Aguirre, que teve uma perna amputada em virtude de um acidente<sup>45</sup>.

Alguns personagens parecem ter sua importância desvanecida nos últimos anos. Pode-se contar entre estes o *Garabato*, uma figuração da morte performatizada por um homem magro de roupas negras que trazem a pintura do esqueleto. É a morte com a foice na mão, como a buscar alguém na festa. Encarna a Quaresma, a Quarta Feira de Cinzas<sup>46</sup>, acenando a dimensão agonística do Carnaval.

Também perdeu importância o uso da *marimonda*, uma máscara antes confeccionada artesanalmente com sucatas de pano, que se constituía como uma metáfora plástica e burlesca dos genitais masculinos. O nariz correspondia ao pênis e os olhos, aos testículos. Por sua vez, a boca da *marimonda* era preparada com resíduos de borracha fina de câmaras de ar, e por aí se emitiam sons que imitavam a flatulência – uma cena que parece saída do *Gargantua e Pantagruel* que fascinavam Bakhtin. Hoje, estas máscaras são feitas de tecidos finos e encontradas em lojas para turistas, chegando a custar caro, pouco lembrando as *marimondas* que aparecem nas fotografias de décadas atrás.

Um personagem que parece mais frequente no Carnaval de Barranquilla que nas *Fiestas Novembrinas* é *Doña Leopo*. Trata-se de um homem travestido, interpretando uma mulher que, furiosa em virtude do descaso do amante, adentra a residência em que este se encontra ceando com a família oficial. A amante costuma estar vestida de modo espalhafatoso, com seios e nádegas hiperdimensionados, sapatos de salto alto e peruca extravagante. Irada, queixa-se diante de toda a família e dos vizinhos que, ao perceberem o anúncio da cena, acompanham sua entrada no recinto sagrado do lar. É um encontro dramático, que às vezes assusta pelo modo súbito como acontece, chegando a se configurar às vezes um clima tenso. A amante cobra o sustento dos filhos ilegítimos do senhor, a roupa nova prometida, o fim de semana num balneário... enfim, disputa com a esposa legítima as suas prerrogativas. Esta burla aponta a continuidade entre as festas de rua e aquelas brincadeiras vividas nos bairros e mesmo no interior das casas.

---

<sup>45</sup> Blás de Lezo era o comandante das tropas espanholas que venceram a armada inglesa que tinha à frente o Almirante Vernon, em 1741. Foi provavelmente a maior investida inglesa contra a cidadela de Cartagena de Indias. Este soldado basco não tinha o olho esquerdo e a perna direita, constituindo, assim, uma antítese singular entre a perda da integridade física e o triunfo sobre os inimigos.

<sup>46</sup> *Llamas contra el Viento*, dirigido por Emilio Gomes Muriel em 1955, é provavelmente o registro fílmico mais antigo das *Fiestas Novembrianas*, trazendo uma coreografia do *Garabato*. O trecho pode ser acessado pelo endereço <https://www.youtube.com/watch?v=St8-GQ226vk>

Os grupos de *negritos* também se incorporaram aos cabildos, reunindo jovens e adolescentes untados com óleo escuro e viscoso, com expressões faciais fantasmagóricas obtidas com a contorção da língua tingida de cor vermelha muito apelativa. Os *negritos* se inscrevem num universo amplo de folguedos praticados em diversos locais da Colômbia, sejam cidades médias como Pasto, próxima à fronteira com o Equador, sejam cidades pequenas como Rio Sucio, no Departamento de Antioquia, sejam ainda vilas e povoados em que o núcleo da dinâmica festiva é a mudança da cor. Este colorismo lúdico tem sido abundantemente documentado em álbuns fotográficos. No caso de Cartagena de Indias, processa-se de modo não tão distante daquele descrito nos documentos do século XVIII. Trata-se de mudar a própria cor ou dos circunstantes recorrendo ao polvilho de milho – chamado comumente *maisena* –, ao *polvo rojo*, ao *azulín* ou à simples mistura de argila com água. Não se pede licença para isto. Nos bairros populares, pratica-se frequentemente esta brincadeira no período de festas.

A partir da última década do século passado, as seringas de espuma passaram a integrar a cena das festas, tornando-se o material mais usado na dinâmica do colorismo. Seu efeito é muito efêmero, pois a espuma branca rapidamente se dissolve, mas os foliões se encarregam de mantê-lo mediante o uso intermitente das seringas. O efeito produzido é uma mudança cômica e repentina do aspecto visual dos brincantes e dos passantes. Percebe-se aí que a incorporação das novidades ao universo da festa – no caso, um produto industrial que neste sentido é bem diferente dos polvilhos, pós e misturas caseiros utilizados há várias décadas – pode se dar em continuidade com as formas tradicionais do colorismo.

Os *tiritos*<sup>47</sup> e *buscapiés* costumam acompanhar a folia do colorismo. Os primeiros são inofensivos; os últimos, nem tanto. Produzem um efeito surpresa, tornando lúdico o próprio susto ou dos circunstantes. Do mesmo modo como os pós foram se industrializando, também no caso dos *tiritos* e *biscapiés* se integraram produtos fabris à festa. Em um caso como no outro, as brincadeiras com a mudança de cor e com as bombas podem ocasionar atritos, variando sua intensidade conforme o lugar e o horário. Quanto mais adiantada a hora, mais perigosos podem ser esses fogos.

Os conflitos que às vezes se seguem aos folguedos com os pós, a espuma e os *buscapiés* poderiam apontar a inserção das práticas festivas numa sociedade que há mais

---

<sup>47</sup> Bombas de baixa intensidade usadas tradicionalmente nos festejos de Cartagena de Indias, inclusive por crianças.

de meio século vive uma guerra civil, por sua vez desencadeada pela intensificação dos conflitos agrários desde os anos 50 do século passado. A cidade de Cartagena de Indias, mesmo que não tenha sido palco de episódios de guerrilha, recebeu nas últimas décadas um número considerável de migrantes forçados. É comum encontrar pessoas que tiveram de deixar suas terras premidas por guerrilheiros, narcotraficantes ou paramilitares.

A violência que caracteriza o cotidiano dos bairros populares se faz sentir em diversas ocasiões e de diferentes maneiras nos folguedos da independência. Um caso típico é a prática dos *retenes*<sup>48</sup>, quando os moradores de uma rua ou vizinhos de uma rodovia cobram pedágio aos transeuntes ou motoristas. A configuração da cena é análoga àquela dos *negritos* que pedem dinheiro para as festas: *plata o agua!* Uma moeda é suficiente para não ser molhado. Com a intensificação da violência na cena cotidiana dessa cidade, os *negritos* passaram a usar óleo de oficinas mecânicas e outras substâncias pretas e interpelar com mais veemência esses pedestres. Às vezes, essas crianças e adolescentes levam também facões de madeira, como dramatizando um assalto ou uma tentativa de assassinato, escapulindo da vigilância policial durante as *Fiestas Novembrinas*.

Nos bairros populares, pode-se ver facilmente as brigas entre *pandillas* de jovens, adolescentes e crianças que usam como projéteis as *bolsitas*, embalagens plásticas de dez a quinze centímetros de comprimento contendo água. Trata-se de um enfrentamento em que convivem a excitação, o prazer, o risco e, eventualmente, ferimentos. Em muitos casos, os brincantes colocam pedrinhas nas embalagens, o que as converte em armas perigosas, podendo causar graves danos.

Aproximemo-nos no tempo. Uma descontinuidade relevante na história recente das *Fiestas Novembrinas* é a estratégia do *Instituto de Patrimonio y Cultura de Cartagena* – IPCC, em 2003, no sentido de enfatizar a memória da emancipação frente ao Império Espanhol, reforçando a dimensão cívica dos festejos sem reprimir a dimensão lúdica e acentuando a importância da participação popular – sobretudo de negros e mestiços – neste capítulo da história de Cartagena de Indias. No bojo desta empresa, realçou-se a importância singular do bairro de Getsemaní.

Este processo culminou, em 2011, com a celebração do Bicentenário da *Acta de Independencia*, em que tomaram parte, oficialmente, setores os mais diversos da

---

<sup>48</sup> De *retener*, reter.

sociedade local, como grupos gays, policiais, artistas populares, acadêmicos, *negritos*, etc.<sup>49</sup>. Percebe-se a tensão entre as duas dimensões quando se entrevistam os moradores de diferentes categorias. Os intelectuais e os jovens mais escolarizados consideram muito importante a comemoração da independência, enquanto moradores menos escolarizados dizem que “essas festas sempre aconteceram, sendo que de vez em quando acontecem novidades, mas são sempre as festas” (J.C.M, 17.10.2011, 67 anos. Tradução do autor). A nomenclatura parece arrematar as diferenças. Para uns, é a *Fiesta de la Independencia*. Para outros, são as *Fiestas Novembrinas*. Para outros ainda, simplesmente *estamos en fiesta*.

Não é difícil imaginar que a inclusão dos atores muito diversificados entre si nos palcos oficiais das comemorações e a disputa de visibilidade entre os promotores se fizeram sentir nos últimos anos. Para aqueles que desejam explorar a festa turisticamente, tratar-se-ia de conter os ímpetos dos folguedos tradicionais que poderiam constranger os visitantes e amedrontar as famílias. Agentes da *Alcaldía Mayor de Cartagena de Indias* responsáveis pelo gerenciamento das comemorações chegaram a coibir o uso do termo *bando* para designar as comemorações. O próprio *Bando* como cortejo chegou a ser retirado do dia 11 de novembro em 2013 e substituído pelo desfile de grupos escolhidos por uma comissão<sup>50</sup>. Estas medidas foram revertidas, mas sua enunciação em determinada conjunção política permite visualizar o grau de conflitividade presente na cena das comemorações.

### **Algumas questões acerca do caráter carnavalesco das *Fiestas Novembrinas***

É bem conhecida de seus leitores a descrença de Bakhtin e Baroja com relação à sobrevivência do Carnaval em tempos modernos. O primeiro se atém ao texto de Rabelais como plenitude da realização do espírito carnavalesco. Em diversos momentos, afirma a incompatibilidade entre a festa oficial e o Carnaval. Parece, contudo, haver uma abertura em seu pensamento para pensar o Carnaval para além do seu evento propriamente dito. Vejamos:

O Carnaval revela-nos o elemento mais antigo da festa popular, e pode-se afirmar sem risco de erro que é o fragmento mais bem conservado desse mundo tão imenso quanto rico. Isso autoriza-nos a

---

<sup>49</sup> Pode-se perceber o tom da festa do Bicentenário no vídeo oficial da Alcaldía Mayor de Cartagena de Indias: <https://www.youtube.com/watch?v=U4H31METk44>.

<sup>50</sup> Informações sobre este episódio podem ser encontradas em: MOURA, Milton. O drama étnico e político do 11 de novembro em Cartagena de Indias. **Revista Brasileira do Caribe**, São Luís, Maranhão: UFMA, v. 16, n. 31, julho-dezembro 2015, p. 41-66.

utilizar o adjetivo “carnavalesco” numa acepção ampliada, designando não apenas as formas do Carnaval no sentido estrito e preciso do termo, mas ainda toda a vida rica e variada da festa popular no decurso dos séculos e durante a Renascença, através dos seus caracteres específicos representados pelo Carnaval nos séculos seguintes, quando a maior parte das outras formas ou havia desaparecido, ou degenerado.<sup>51</sup>

Já para Baroja, parece haver uma incompatibilidade radical entre Carnaval e modernidade:

[...] la mecanización de la fiesta, la planificación industrial y comercialización de la misma (Navidades, Reyes, días del padre y de la madre...) o esas formas minúsculas de celebración en discotecas, “pubs”, bares, pequeñas sociedades corpusculares, le quitan toda posibilidad de una mayor participación de la colectividad. Son fiestecillas como domésticas y se parecen todas al cumpleaños de la abuelita. Aunque se hagan en un “pub” o en un sitio que la gente considera muy perverso y tremendo. En realidad, es una pobre cosa.<sup>52</sup>

As posições desses clássicos do pensamento sobre o Carnaval estão situadas em suas próprias trajetórias biográficas, contextualizadas existencialmente pelas circunstâncias, êxitos e fracassos que experimentaram. No caso de Baroja, tratava-se de argumentar pela negativa diante do convite para dirigir os trabalhos de revitalização do Carnaval de Madrid, o que para ele seria tempo perdido.

Os elementos dispostos nas seções anteriores indicam a intensidade com que práticas consideradas carnavalescas segundo a gramática desses autores podem ser observadas nas *Fiestas Novembrinas* de Cartagena de Indias. Alguns itens como o *Reinado Nacional de Belleza*, espetáculo que deslumbrou os públicos local e visitante durante décadas, dificilmente poderiam ser compreendidos como Carnaval. No entanto, a instituição do *Reinado de la Independencia* aconteceu inicialmente como uma paródia: a palavra *reina* remonta à realeza espanhola, a pessoas brancas e ricas, enquanto as *reinas populares* saíam dos bairros cartageneiros, podendo a vencedora ser mestiça ou negra.

O próprio *Bando*, tomado enquanto cortejo organizado em termos de uma proposta racionalmente argumentada, tampouco seria carnavalesco quando acontece com o peso da oficialidade cívica. As iniciativas integradoras e inclusivas da festa do Bicentenário, ainda que alternativas com relação ao modelo convencional, não seriam necessariamente carnavalescas. Entretanto, alguns aspectos dos festejo parecem flertar

<sup>51</sup> BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** *Op. cit.*, p. 189-90.

<sup>52</sup> BAROJA, Julio Caro. **Disposiciones Antropológicas.** Madrid: Ed. Istmo, 1985, p. 298-9.

e, mais que isso, imergir na lógica da inversão simbólica, como a associação à figura de Blás de Lezo como catarse risonha de uma mutilação. Nas seções anteriores, vimos como os próprios termos *cabildo* e *bando* apontam para isto.

Os depoimentos de moradores que viveram as festas décadas atrás pareceriam, à primeira vista, mais próximos de uma experiência carnavalesca. Por exemplo, disse um velho morador do bairro de San Diego acerca do *capuchón*:

Escondia a cabeça da pessoa e ao mesmo tempo revelava à Cartagena festiva aquilo que, nos outros dias do ano, era a Cartagena dos outros dias. Com o *San Benito*, qualquer pessoa podia dizer o que quisesse a quem quisesse. Podia falar do Alcalde, do juiz, do comerciante rico, do patrão e até de si mesmo. Divertir-se às custas de suas próprias aflições e desgraças. Aquele pano que era o sinal da humilhação e do castigo se transformava na liberdade total nos dias da festa (R.S.M., 07.11.2016, 78 anos. Tradução do autor).

A inversão configurada pelo *capuchón* é das mais radicais segundo a gramática bakhtiniana: trata-se de rir de si mesmo, de denunciar a própria situação que pesava sobre o indivíduo nos dias normais do ano de modo a liberar-se pelo riso. A propósito, assim contou um velho morador do bairro de Getsemaní sobre a carnavalização que fez um vizinho, quarenta anos atrás, de sua própria condição de marido traído:

Alguns dias antes do *Once*, um vizinho descobriu que era traído. Assim costuma acontecer em toda parte, como deve ser no Brasil também: o marido corneado é o último que sabe. Então, ele aproveitou a ocasião festiva e saiu pelas ruas de Getsemaní com uma máscara de chifres prateados, pois ele tinha os cabelos bem grisalhos. E ria, ria muito, pagando rum para quem parava para cumprimentá-lo. Alguns anos depois, um padeiro que morava quase na esquina de La Matuna também descobriu que era traído, pois passaram diante de sua porta algumas pessoas fazendo burla com isso. Ia à frente um homem com chifres na cabeça e uns pãezinhos pendurados na gola da camisa, caindo para trás, junto com uma mulher dançando muito feliz e outro homem que não parava de cortejá-la. O que fez o padeiro? Tomou ele mesmo dos pãezinhos, pendurou no seu próprio pescoço e compartilhou o lugar naquele teatro. Não sei o que aconteceu depois, mas ele ficou muito feliz nas festas daquele ano (A.A.G., 27.02.2015, 75 anos. Tradução do autor).

Ao contrário do que poderia se depreender apenas dos depoimentos dos mais velhos, uma visão cuidadosa e generosa de diversos aspectos da *Fiesta del Once* permitiria encontrar aspectos carnavalescos em meio às constrições logísticas inevitáveis para a realização da festa em uma cidade de mais de um milhão de habitantes. Alguns componentes como o uso das *marimondas* se foram. Em contrapartida, a generalização do uso da espuma nas arquibancadas do dia principal do cortejo, bem como nos *bandos* dos bairros e em quase todas as festividades que



acontecem nos primeiros onze dias de novembro, confere à cena um clima especialmente carnavalesco, em que as diferenças parecem momentaneamente dissolvidas, pois, de um momento para o outro, todos podem ficar mascarados pela secreção branca que rapidamente se esvai.

Algumas encenações carnavalescas têm caráter mais coletivo. É o caso dos *negritos*, cuja língua tingida de um vermelho muito vivo aparece numa espécie de transe pelas contorções do rosto. Nada falam nessas ocasiões; apenas riem e dançam. Sua tática para conseguir moedas é justamente ameaçar as pessoas de pele mais clara com o óleo que os tornaria negros também... Seria a reversibilidade lúdica da cor que assinala a assimetria em favor dos mais claros.

Também é burlesca a brincadeira das crianças que jogam *bolsitas*, escapulindo o tempo todo da vigilância policial. Como os soldados não podem entrar em lugares apertados em que se escondem e como muitas vezes esses policiais estão montados a cavalo, suas vítimas riem muito ao escapar da perseguição, carnavalizando, nessa oportunidade, a perseguição dos outros dias, quando são agredidos pela condição de meninos pobres e negros que poderiam constituir perigo para os turistas e a classe média.

Transformar a configuração própria e dos outros durante os festejos é um prazer que dificilmente poderia ser descrito num texto ensaístico. Molhar e sujar é reverter a ordem cotidiana, borrar os contornos do bom comportamento, da boa apresentação. Molhar e melar é transformar subitamente a aparência do outro.

A expressão usada em Cartagena de Indias para designar estas experiências é *el desorden*. Nos bairros populares, turmas de jovens e adolescentes se reúnem com a aproximação das *Fiestas* e, quando se acumula a tensão da espera, alguém proclama: *Es la hora loca!* Começam a sujar-se, a melar-se, a mudar a cor do rosto, das mãos, dos cabelos e das roupas com os recursos de que dispõem no momento – a água, a farinha, os pós, a lama ou a espuma.

Sua Majestade *El Desorden* se justifica por si. Se alguém reclama porque o mancharam, os foliões dizem: *Estamos em fiestas! Si no te gusta, que te quedes en tu casa!* Sim, a rua é do Carnaval, quem não gosta da folia não tem o direito de impedi-la.

A violência que acompanha esses folguedos resulta mais próxima do cotidiano do que poderia parecer a quem não conhece a sociedade cartageneira e, de modo geral, a sociedade colombiana que, no momento, anseia pela superação do estado de

beligerância de décadas. Se as *Fiestas Novembrinas* não são a causa nem a consequência destas práticas violentas, tampouco podem acontecer fora desses parâmetros agressivos. Neste sentido, as formas festivas também podem ser vistas como uma carnavalização da violência.

Uma senhora moradora do Centro Histórico declarou que quase não saía à rua por ocasião do *Bando* por não lhe agradar a bagunça: “Minha água eu jogo da minha janela mesmo, para não entrar na confusão” (M.L.C., 21.01.2016, 60 anos. Tradução do autor). Com efeito, a lógica da *desorden* é tudo menos linear. Não se trata de reverter propriamente a ordem, invertendo os papéis como numa revolução, mas de dispor a ordem pelo avesso, como dizia Bakhtin: “A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um ‘mundo ao revés’”<sup>53</sup>.

As considerações aqui tecidas de modo algum esgotam as possibilidades de desdobramento da temática do Carnaval e os desafios que continuamente coloca para aqueles que desejam compreendê-lo enquanto experiência cultural. O entrelaçamento desse feixe de questões com aquelas propostas por historiadores contemporâneos certamente enriqueceria o alcance desta reflexão. É o caso de Natalie Davis<sup>54</sup>, para quem as festas na França do Antigo Regime eram ocasiões privilegiadas para o ensaio de ofensas, retaliações, vinganças e revoltas. É o caso também de Emanuel Le Roy Ladurie<sup>55</sup>, que relacionou os modos pelos quais a cultura carnavalesca do Dauphiné, na França do final do século XVI, lançou mão dos recursos musicológicos, cênicos e plásticos das tradições paroquiais para manifestar radicalmente as alianças e antinomias entre os setores daquela sociedade.

A cultura carnavalesca que subsiste na cidade caribenha e colombiana de Cartagena de Índias vive de se renovar a cada ano, entre a decadência e desgaste de algumas formas festivas e a apropriação e (re)invenção de outras formas. Parece ser mais que um intervalo no enfadonho curso normal dos acontecimentos e disposições sociais. É uma ocasião de virar o mundo pelo avesso de vez em quando, e isto confere à chamada “realidade” um sentido diferente do que teria caso não existissem as festas.

---

<sup>53</sup> BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. *Op. cit.*, p. 10.

<sup>54</sup> DAVIS, Natalie. **Culturas do Povo. Sociedade e Cultura no início da França moderna**. 2 ed. Trad. Mariza Correa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

<sup>55</sup> LADURIE, Emmanuel Le Roy. **O Carnaval de Romans. Da Candelária à Quarta Feira de Cinzas, 1579-1580**. Trad. Maria Lúcia A. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Termina esta contribuição com um registro. Quando se anunciou que o *Reinado Nacional de Belleza* não aconteceria no 11 de novembro de 2016, não faltou quem supusesse que isto afetaria o brilho e a intensidade dos festejos, pois o luxo e a publicidade do cortejo das *reinas* haviam se constituído como núcleo duro da festa para os visitantes e para boa parte da população<sup>56</sup>.

Pois bem, as *Reinas de la Independencia* atraem hoje a mesma atenção e o mesmo público que atraíam as *Reinas Nacionales de Belleza* até o ano de 2015. Alguns aspectos da estética do *Reinado Nacional de Belleza* podem ser encontrados no próprio *Reinado de la Independencia*. Recorrendo ao conceito bakhtiniano de dialogismo, podemos afirmar que se interpenetraram os enunciados plásticos correspondentes aos padrões de beleza de ambos os certames. As *reinas* negras e mestiças que se apresentam aí trazem os cabelos lisos e usam trajes semelhantes àqueles envergados no *Reinado Nacional de Belleza*. Este passa a acontecer em março a partir de 2017, mas sua influência se faz sentir no seu correspondente em novembro.

Quem estava na cidade este ano pôde constatar que, superado o império do modelo de beleza branca do *Reinado Nacional de Belleza*, não faltou alegria e *desorden* por ocasião das *Fiestas*. Nas arquibancadas armadas para o cortejo da independência, cartageneiros, turistas e visitantes pintavam-se, melavam-se e sujavam-se à vontade, entre uma ou outra briga e, quem sabe, na volta para casa, entre um ou outro possível assalto.

O termo *desorden* não tem na língua portuguesa a conotação burlesca e liberalizante que tem o termo *desorden* no contexto festivo a que se refere este artigo. Quando um adolescente diz: *me gusta el desorden*, não está se referindo a uma mudança na ordem social vigente, nem tampouco a uma confusão ou falta de organização, mas à possibilidade de experimentar uma contrapartida festiva que permita encarar a normalidade de modo menos hostil e limitador.

Quando estamos em festas, quando há *desorden*, quando dizemos que é a *hora loca*, sentimos que as pessoas se aproximam mais. Podemos folgar juntos, podemos aproveitar o dia e a noite. Pessoas que não se conheciam bem agora se conhecem porque há *desorden*. E no tempo das festas, a *desorden* é o que há de mais importante, pois sem *desorden* não há festas e quem não gosta de *desorden*, quem não quer se sujar não deve sair, deve ficar em sua casa, vendo televisão (H.I.T., 14.11.2016, 22 anos. Tradução do autor).

---

<sup>56</sup> A partir de 2016, o concurso foi desmembrado das *Fiestas Novembrinas*, por exigência dos próprios organizadores do *Miss Universo*, pois a representante da Colômbia eleita num determinado ano só no ano seguinte concorria ao título mundial.

Nas *Fiestas Novembrinas*, a cidade de Cartagena de Indias parece lembrar a si mesma que feridas e cicatrizes, bem como algazarras e pantomimas, não simplesmente são páginas que se viram para sempre. Como um livro cujo dorso se presta a que as páginas vão e voltem, as *Fiestas* mostram que, se os concernimentos de Don Joaquín de Cañaberal y Ponce e de Don Joseph de la Madrid faziam sentido para a ordem do Império no final do século XVIII, os hábitos carnavalescos que eles intentavam proibir, coibir ou mitigar continuam fazendo sentido para a maioria da população dessa cidade, sobretudo para os seus membros mais jovens que amam a *desorden* e durante todo o ano anseiam que chegue o mês de novembro.

Dias depois do *Once*, ainda se pode ver, sobre as muralhas, os restos de *azulín* com que se pintaram os rostos, os braços, as mãos e os cabelos dos foliões, com alegria e excitação. Justamente no lugar cuja arquitetura não poderia deixar de lembrar ao pesquisador a escravidão, a guerra, o saque, o derramamento de sangue, a submissão colonial.

#### Referências:

- ACEVEDO PUELLO, Rafael Enrique. **Memorias, lecciones y representaciones históricas: la Independencia em las escuelas de la provincia de Cartagena (1900-1920)**. Bogotá: Uniandes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: EdUnB, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 2 ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, 2 ed.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 2.ed. Prefácio de Tzvetan Todorov.
- BAROJA, Julio Caro. **Disposiciones Antropológicas**. Madrid: Ed. Istmo, 1985.
- BAROJA, Julio Caro. **El Carnaval. Análisis histórico-cultural**. Madrid: Alianza, 2006.
- DAVIS, Natalie. **Culturas do Povo. Sociedade e Cultura no início da França moderna**. 2 ed. Trad. Mariza Correa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- DOMINGUEZ, Freddy Ávila, MONFORT, Ricardo Pérez, RINAUDO, Christian (org.). **Circulaciones culturales. Lo afrocaribeño entre Cartagena, Veracruz y La Habana**. Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social - CIESAS, México; Institut de Recherche pour le Développement - IRD, Francia; Proyecto de la Agence Nationale de la Recherche (ANR) “Afrodescendants et Esclavages Domination, Identification et Héritages dans les Amériques” (“Afrodesc”, Francia-México-Colombia); Universidad de Cartagena (Colombia); El Colegio de Michoacán (México), 2011.

EL DEBER DE VIVIR ORDENADAMENTE PARA OBEDECER AL REY. Archivo General de Indias. Fondo : Capitanía General de Cuba (Papeles de Cuba). Transcripción de Gilma Mora de Tovar. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**. N. 20, 1992, págs. 109-131.

HENRÍQUEZ, Adolfo González. La música del Caribe colombiano durante la guerra de independencia y comienzos de la Republica. **Historia Crítica**. Revista de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de los Andes, n. 4, p. 85-112, jul-dec 1990.

INFORME DEL OBISPO DE CARTAGENA SOBRE EL ESTADO DE LA RELIGIÓN Y DE LA IGLESIA EM LOS PUEBLOS DE LA COSTA, 1781. **Huellas**. Revista de la Universidad del Norte, Barranquilla, Colombia, n. 22, p. 65-69. nov. 1985.

GUTIÉRREZ, Edgar. **Fiesta de la Candelaria en Cartagena de Indias. Creer, poder y gozar**. Medellín: Editorial Lealon, 2009.

\_\_\_\_\_. **Fiestas: Once de Noviembre en Cartagena de Indias**. Manifestaciones Artísticas. Cultura Popular 1910-1930. Medellín: Editorial Lealon, 2010.

KRISTEVA, Julia. **Le Texte du Roman. Approche sémiologique d'une structure discursive transformationnelle**. La Haye: Mouton, 1970.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. **O Carnaval de Romans. Da Candelária à Quarta Feira de Cinzas, 1579-1580**. Trad. Maria Lúcia A. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MOURA, Milton. MOURA, Milton. O drama étnico e político do 11 de novembro em Cartagena de Indias. **Revista Brasileira do Caribe**, São Luís, Maranhão: UFMA, v. 16, n. 31, julho-dezembro 2015, p. 41-66.

MÚNERA, Alfonso. *Fronteras Imaginadas*. **El Fracaso de la Nación. Región, clase y raza em El Caribe colombiano (1717-1821)**. Bogotá: Ed. Planeta Colombiana, 2008. Nueva edición.

PLÁ, María Carmen Borrego. **Cartagena de Indias en el siglo XVI**. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos/Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1983.

POSADA GUTIÉRREZ, Joaquín. **Memorias Histórico-Políticas**. 2 ed. Biblioteca de Historia Nacional, volumen XLII. Bogotá: Imprenta Nacional, 1929, 2 ed.

SINNING, Edgar Rey. **Proclamaciones, exaltaciones y celebraciones en el Caribe Colombiano. Siglos XVIII-XIX**. Cartagena de Indias: Ediciones Pluma de Mompo, 2008.

SOLANO DE LAS AGUAS, Sergio Paolo. Cartagena de Indias. Sociedad, trabajadores e independencia en el tránsito del siglo XVIII al XIX. Entrevista por Alberto Abello Vives. **Cuadernos de Noviembre**, v. 1. Cartagena de Indias: Instituto de Patrimonio e Cultura de Cartagena, 2016.

TODOROV, Tzvetan. **Mikhail Bakhtine et le principe dialogique**. Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Ed. du Seuil, 1981.

VÉLEZ, Enrique Luís Muñoz. **Cartagena Festiva**. El 11 de noviembre y sus signos culturales. Cartagena de Indias, Corporación Nacional Concurso de Belleza, 2007.

VÉLEZ, Enrique Luís Muñoz. **Cabildos festivos en la Independencia de Cartagena. Artesanías de América**. Cuenca, Ecuador: Centro Interamericano de Artesanías y Artes Populares, 2007 n. 63/64, p. 103-141.